



miguilim

revista eletrônica do netlli
volume 1, número 1, dez. 2012

O JORNAL NA SALA DE AULA DO ENSINO MÉDIO: FOCALIZANDO O GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO



Adelânia Venâncio de Sousa (URCA)
Adriana Barbosa Lins (URCA)
Sandra Espínola dos Anjos Almeida (URCA)

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)
RECEBIDO EM 10/10/2012 • APROVADO EM 10/10/2012 (AUTORES CONVIDADOS)

Resumo

Leitura e escrita são os grandes desafios da escola, isso porque sabemos o quanto é difícil para o aluno transformar a língua falada em um código gráfico. Escrever quando não se sabe sobre o quê e como; quando não se tem o hábito, torna-se um exercício difícil. A leitura é um instrumento valioso que auxilia na atividade de escrita. Pensando nisso, resolvemos trabalhar “O jornal na sala de aula do Ensino Médio”: focalizando o gênero artigo de opinião, com o objetivo de trazer o jornal para a sala de aula do Ensino Médio, desde o 1º ano, diferentemente do que vem sendo aplicado. Destacamos o artigo de opinião por ser um gênero textual de cunho argumentativo, que exige conhecimento e leitura por parte dos aprendizes, despertando o seu (dos alunos) senso-crítico e favorecendo a ampliação do seu vocabulário. Realizamos nossa pesquisa na Escola de Ensino Médio Governador Adatauto Bezerra da rede pública de ensino de Juazeiro do Norte-CE e contamos com a participação de 18 alunos, todos do 1º ano do Ensino Médio, com idade entre 14 e 15 anos, participantes das oficinas de leitura e escrita realizadas pelo subprojeto de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID da Universidade Regional do Cariri-URCA, na cidade de Crato-CE. Tomamos como base teórica os seguintes autores: Bakhtin (1997), Faria (1997), Koch (1997), Marcuschi (2008), entre outros.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia Jornal na escola; Artigo de opinião; Leitura; Escrita.

Texto integral

1-CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ler e escrever, por quê? Para quê? Inúmeras vezes nos deparamos com questões como essas e, ao mesmo tempo, somos bombardeados por uma enorme variedade de textos orais e escritos que requer nossa atenção, conhecimento, tempo, leitura. Lendo-os, compreendendo-os, interpretando-os precisamos também produzir textos surgindo assim, outras necessidades como: clareza, precisão, também conhecimento, também leitura.

Leitura e escrita, embora numa relação dialética, são complementares, pois uma leitura significativa é o alicerce para a produção textual. Ao ler/escrever/comunicar, o indivíduo passa a ser sujeito do processo de comunicação, assumindo um posicionamento.

É pensando nisso que apresentamos este estudo intitulado “O jornal na sala de aula do Ensino Médio: focalizando o gênero artigo de opinião, que objetiva, primeiro, incentivar o uso do jornal nas salas de aula do ensino médio; em segundo lugar, mostrar a importância de se trabalhar com o tipo textual argumentativo, representado neste caso, pelo artigo de opinião, nas salas do primeiro ano do ensino médio, visto ser este um incentivo para desenvolver a competência comunicativa – textual e gramatical - do aluno.

2 TIPOLOGIA TEXTUAL

Hoje, o texto é considerado um fator primordial no ensino e na aprendizagem de Língua Portuguesa como um todo, mas nem sempre foi assim. Nas escolas brasileiras, até a década de 80, a prioridade era utilizar o texto como objeto de estudo para a análise gramatical; o seu funcionamento textual-discursivo não era considerado relevante.

Percebemos a importância de tomar o texto como objeto de estudo e analisá-lo no seu real contexto de produção/leitura, enfocando seus diversos usos em sala de aula, visto que, como afirma Fávero *et al.* (2002, p.55), formular um texto “é efetivar atividades que estruturam organizam os enunciados de um texto, e o esforço que o locutor faz para produzi-los se manifesta por traços que deixa em seu discurso”.

Para dar início a nossa discussão, precisamos antes de tudo apresentar algumas definições de texto pertinentes e necessárias para o estudo que ora se apresenta. Assim, para Koch (1997, p.22):

Poder-se-ia, assim, conceituar o texto, como uma manifestação verbal constituída de elementos linguísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir aos parceiros, na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais.

Para essa autora, o texto é apresentado como um processo comunicativo entre os falantes, dotado de sequências linguísticas com aspectos semânticos e sintáticos.

Seguindo esta perspectiva, o texto é para Marcuschi (2008, p.154):

Uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito

mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

Dessa forma, o texto é um produto que resulta do processo comunicativo dos falantes e para o citado autor, os tipos textuais são limitados e sem possibilidades de expansão.

3 GÊNEROS TEXTUAIS

Diferentemente do que muitos pensam, o estudo dos gêneros não é novo, se considerarmos que sua observação sistemática teve início com Platão, há pelo menos vinte e cinco séculos.

O termo “gênero” esteve presente na tradição ocidental, especialmente relacionado aos gêneros literários, cuja análise se inicia com Platão, firmando-se com Aristóteles, passando por Horácio e Quintiliano, pela Idade Média, o Renascimento e a Modernidade até chegarem os primórdios do século XX.

A visão de Aristóteles sobre as estratégias e as estruturas dos gêneros foi desenvolvida na Idade Média, fazendo a distinção entre a Epopeia, a Tragédia e a Comédia que foram conservadas, outras se perderam como a Aulética, a Ditirambo e a Citarística.

Então, hoje, o que se tem é o estudo dos gêneros em uma perspectiva diferente da aristotélica que se prendia somente Literatura. De acordo com Bahktin (1997, p.290):

Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam estão sempre relacionadas com a utilização da língua. Não é de surpreender que o caráter e os modos dessa utilização sejam tão variados como as próprias esferas da

atividade humana (...). A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana.

Na mesma linha de pensamento, Meurer (2002, p.11) esclarece que “A interação humana recorrente em um dado tempo e espaço se constitui como gênero”. Desse modo, a interação das pessoas acontece quando a linguagem é materializada em algum gênero textual, seja ele oral ou escrito.

Portanto, damos a entender que diante do exposto, os gêneros mostram a sociedade em funcionamento, isso porque eles vão surgindo de acordo com as transformações pelas quais a sociedade passa, com o avanço da tecnologia e a sua interferência nas atividades diárias comunicativas favorece o surgimento de novos gêneros. Vale ressaltar que os gêneros são formas altamente dinâmicas. Então, mais importante é o seu aspecto funcional e comunicativo.

Na concepção de Marcuschi (2008, p.155),

Gênero textual refere aos textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

De acordo com o autor, diferente dos tipos textuais, os gêneros são entidades práticas em situações de comunicação, formando em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compra, cardápio de restaurante, instruções de uso, resenha, edital de concurso, piada, carta*

eletrônica, bate-papopor computador, aulas virtuais, e assim por diante. Isso mostra como gêneros textuais abrangem uma categoria ilimitada.

Como percebemos os gêneros são diversos e como já mencionamos, a principal causa é a necessidade de comunicação em cada esfera da atividade humana.

4 O JORNAL E O TRABALHO COM A LEITURA E A ESCRITA

A educação hoje exige um aprendizado diversificado e atrativo, no qual, os aprendizes tenham diversos meios de ensino-aprendizagem. O jornal é um recurso enriquecedor, porque se trata de um texto comunicativo presente na nossa vida diária, que traz fatos atuais, próximos da realidade dos alunos, isso, faz com que os alunos não só assumam um gosto especial pela leitura, mas também, interpretem, opinem e escrevam sobre o que pensam.

Conforme Faria (1997, p.7), “a crise do ensino de língua portuguesa se prende, entre outros fatores, à permanência do uso exclusivo do texto literário em sala de aula. Não um texto qualquer, mas aquele que uma elite selecionava como sendo o de bons autores”.

Atividades com o jornal na sala de aula visam colaborar com o professor, dando-lhe oportunidade de trabalhar com a língua de maneira pragmática, espontânea, partindo sempre de assuntos de interesse dos alunos e que podem ser encontrados nas páginas do jornal. Além disso, a participação, o engajamento dos alunos, leva-os a se sentirem mais envolvidos e mais motivados quanto ao seu ensino-aprendizado, pois vivenciam o processo e buscam resultados. O trabalho em conjunto funciona como um elemento positivo, favorecendo a interação entre os sujeitos envolvidos: alunos, professores, direção da escola.

5 O ARTIGO DE OPINIÃO COMO ATIVIDADE DE LINGUAGEM

É comum encontrarmos no rádio, na TV, nas revistas e, principalmente, nos jornais, temas controversos que requerem uma posição por parte dos ouvintes/leitores. Logo, o autor, geralmente, mostra sua opinião sobre algum determinado tema por meio do artigo de opinião.

Como percebemos, o gênero em questão tem caráter opinativo e como pertence ao meio jornalístico é fundamental argumentar acerca de um delimitado assunto.

Vale destacar que são os argumentos que utilizamos que caracterizam a opinião, o ponto de vista q, pois não somos capazes de convencer alguém somente com o “é assim, porque é”

De acordo com Kaufman e Rodrigues (*apud* MELO, 2009, p. 60,), “o gênero artigo de opinião é construído com o objetivo de convencer o outro acerca de uma determinada ideia por meio da argumentação”. Por isso, não basta somente expor o assunto é preciso ir mais além para convencer e chegar ao foco principal o da persuasão.

É necessário também esclarecer que as informações contidas nesse gênero têm caráter exclusivamente pessoal. Então, mesmo representando o veículo que está sendo divulgado, o artigo deve vir assinado pelo autor do texto e este deve se responsabilizar pelo conteúdo apresentado. Por isso, geralmente é escrito em primeira pessoa e com indícios claros de subjetividade, porém, pode surgir, ainda que raramente, em terceira pessoa.

6 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Estadual de Ensino Médio Governador Adauto Bezerra, localizada na cidade de Juazeiro do Norte-CE e contou com a participação de 18 alunos, todos do 1º ano do Ensino Médio, com idade entre 14 e 15 anos, participantes das oficinas de leitura e escrita realizadas pelo

subprojeto de Língua Portuguesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID do curso de Letras desta IES, durante o período de 5 a 26 de agosto de 2011.



A coleta de dados deu-se, primeiramente, pela explicação e discussão do tipo textual Argumentação e o gênero Artigo de opinião junto ao grupo de alunos. Explicamos a estrutura de cada um e a diferença que há entre tipologia e gênero textuais.

Decidimos pela análise de 4 das 18 produções, em vista dos elementos analisados se repetirem em praticamente todas as produções dos textos obtidos.

7 ARTIGO DE OPINIÃO: Atividade de pesquisa e análise

Para análise das produções dos alunos participantes da pesquisa em dois momentos: primeiro, analisamos a ortografia e destacamos algumas ocorrências que demonstrassem as dificuldades dos alunos com algumas palavras, em alguns casos por serem estas de origem estrangeira e em outros casos, pela pouca familiaridade. Depois, analisamos a repetição, um dos mecanismos de coesão. Esse, no texto argumentativo se manifesta pela retomada de elementos conceituais e formais, apresentando novas declarações a respeito dos elementos já introduzidos no discurso e retomados.

Para apresentação dos exemplos, optamos por utilizar a codificação T1, T2, T3 e T4 (para T, entenda-se texto, e a numeração de 1 a 4 refere-se ao número de textos selecionados).

Exemplos:

(T1) 1-Hojepersebse que em tudo existe o Inglês, se nos fomos ashopm

ou até para um restalrante temos o Inglês pelo meio.

2- (...) tudo tem o Inglês pelo meio, tamto que quando vc esta navegando pela internet muitas das palavras são em Inglês.

Persebse – troca do grafema /c/ por /s/, supressão da vogal /e/ e ausência do hífen = percebe-se.

Shopm– palavra de origem inglesa = shopping.

Restalrante– troca do fonema /u/ por /l/= restaurante.

Tamto– troca do fonema /n/ por /m/, só se escreve m antes de p e b.

Vc– Abreviação do pronome = você, marca do internetês.

(T2) 1- Entender um pequeno texto em outra língua na nossa já é bastante difício.

2- Podemos mudar isso para melho.

Difício– troca do fonema /l/ por /o/= difícil

Melho – Ausência do fonema /r/= melhor

(T3) As pessoas do nosso país tem que preserva o nosso idioma e lutar para que o Indioma estrangeiro não cresça.

Preserva – Ausência do fonema /r/ = preservar

Indioma– Presença do fonema /n/ = idioma

(T4) Muitos são a favor, só porque é bonito, e outros já discodaporque não entende.

Discoda– Supressão dos fonemas /r/ e /m/ = discordam (neste último caso, temos também a perda da marca de concordância verbal).

A ortografia apresenta-se como um dos desvios da norma padrão mais encontrados nas produções de texto e que pode comprometer a sua apresentação. Tais desvios mostram a influência da fala sobre a escrita.

(T1) Hojépersebese que, em tudo existe o Inglês, se nos fomos ao shopm ou ate para umrestalrante temos o Inglês pelo meio, nossa isto já ate virou moda entre os jovens algumas palavras viram gírias.

Podemos perseberque hoje tudo tem o Inglês pelo meio, tamto que quando vc está navegando pela internete, muitas das palavras são em inglês.

(T2) Nós sabemos que tem vários ponto contra o estrangeirismo por isso eu sou contraalgumas coisa que tem como por exemplo as dificuldades de entender um pequeno texto em outra língua na nossa já é bastante dificio.

É dificio ter pessoas para defender qualquer coisa...

Sertamente modificar a língua não é a única coisa que faz, outras coisa como por exemplomudar o nosso dia- a-dia o nosso modo de pensa.etc.

(T3) Um exemplo o cachorro quente, aqui no Brasil muitos chamam hot-dog de cachorro quente você acha que no EUA eles chamam hot-dog de cachorro quente.



Eles não pensam, pois eles estão desvalorizando nossos pais, desvalorizando nossa língua, e é por isso que eu sou contra.

(T4) Temos que defender nossa língua específica que é nosso idioma. Por que a língua estrangeira está invadindo o nosso país, e nós temos que defender a nossa língua que é a nossa cultura principal. Por que o inglês está crescendo tanto no mundo inteiro que no Brasil a língua está começando a crescer no nosso país e isso é preocupante por que se a língua estrangeira continuar crescendo vai acabar, nós Brasileiros ser obrigados a aprender o inglês.

Nesses trechos, observamos que ocorrem repetições em excesso das palavras destacadas. Essas repetições empobrecem o texto e comprometem a informatividade, que é um dos elementos de textualidade. Vale salientar, que, ainda ocorrem outros desvios da norma padrão em relação à ortografia, acentuação, pontuação, concordância entre outros, mas sobre os quais não vamos entrar em detalhes, por estarmos focalizando nosso estudo especificamente no caso da repetição e da ortografia. O que fica evidente é a falta de argumentos que deixa muito a desejar, pois as frases “parecem pedir” uma continuidade para ficarem coerentes e dar continuidade as ideias expressas.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão apresentada, destacando as definições de textos, a diferença entre tipo e gênero textual, a ênfase no artigo de opinião, e a análise dos quatro artigos escolhidos, buscamos mostrar a importância de se trabalhar com o

jornal na sala de aula como forma de incentivar o hábito pela leitura e, conseqüentemente, o hábito de escrever por parte dos alunos, pois acreditamos que essas práticas auxiliam no desenvolvimento da competência comunicativa dos aprendizes.

Sabemos que, muitas vezes, a falta de métodos diferenciados e a permanência no modelo tradicional, que prioriza a forma da língua, os aspectos gramaticais, em detrimento da função, dos aspectos enunciativos, pode não apresentar soluções viáveis.

Apontamos o trabalho com o jornal, em virtude de ele trazer para sala de aula fatos da realidade que estão cada vez mais perto dos alunos, pois o professor necessita fazer uma integração entre a leitura e a escrita e o artigo de opinião é um bom começo para despertar essa prática e com ela o aluno exercitar sua visão crítica.

Com os desvios detectados, os textos em questão não expõem somente a falta de conteúdo, mas também uma dificuldade no tocante à ortografia do português. É preciso romper o abismo que há entre a escola, o aluno e as práticas da leitura e da escrita, pois quando esses elementos não convergem para um mesmo intuito, o que se apresenta no papel não é texto, mas, muitas vezes, fragmentos de ideias desordenadas.

Enfim, a pesquisa nos mostrou que a competência textual é um processo longo, repleto de tentativas, erros, e reescritas, por isso esse processo precisa começar cedo. Esperamos que esta pesquisa sirva como base para outras, visto que as dificuldades apresentadas são apenas uma parte da incansável batalha que envolve o processo de ensino-aprendizagem e que merece ser enfrentada com afinco.

Referências

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Os Gêneros do discurso. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FARIA, Maria Alice. *O jornal na sala de aula*. 9 ed. São Paulo: Contexto, 1997. Coleção Repensando a Língua Portuguesa.



FÁVERO, Leonor L.; ANDRADE, Maria Lúcia C.V.O.; AQUINO, Zilda G.O.. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção do sentido*. Campinas, SP: Contexto, 1997.

MARCUSHI, L.A: *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Cortez, 2008.

MEURER, José Luiz; G MOTTA-ROTT, D. (Orgs). *Gêneros textuais e práticas discursivas*. São Paulo: EDUSC, 2002.

MELO, Patrycia Maria. Argumentação no gênero artigo de opinião In: *Revista de Linguagens Boca da Tribo*. Rondonópolis, v.1, n.1, p. 59-69, abril, 2009. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/bocadatribo/adm/artigos/anexo4.pdf>. Data de acesso: 01/004/2012.

Para citar este artigo

SOUSA, A. V., LINS, A. B., ALMEIDA, S. E. A. O jornal na sala de aula do ensino médio: focalizando o gênero artigo de opinião. **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1., n. 1., 2012, p. 71-83.

As autoras

Adelânia Venâncio de Sousa é aluna da Especialização em Língua Inglesa da URCA.

Adriana Barbosa Lins é aluna do 8º semestre do curso de Letras da URCA.

Sandra Espínola dos Anjos Almeida possui graduação em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1996) e mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (1999). Atualmente é professor adjunto da Universidade Regional do Cariri. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística Variacionista e Interacionista.